

Luta ★ Social

Jan - 2006

luta_social@sapo.pt • http://luta-social.blogspot.com/

Boletim nº

11

Editorial

UM SINDICALISMO PARA O SÉCULO XXI

Por Manuel Baptista

A nossa experiência tem vindo a demonstrar que – quando existe clareza de objectivos – obtém-se facilmente a adesão dos trabalhadores às lutas de classe, que são naturalmente assumidas por eles.

É tanto mais dramático verificar que esses mesmos trabalhadores ficam completamente isolados e desapoitados pelos ditos cujos partidários de **vanguardas** mais ou menos iluminadas, sejam quais forem **se houver eleição legislativa, autárquica ou presidencial à vista**. Aí, os “sindicalistas” partidários resumem-se mais sobriamente ao que sempre foram: “partidários” apenas... e “estão-se nas tintas” para a luta sindical dura, no dia a dia, feita de acompanhamento constante no local de trabalho.

Ora ainda bem, meus senhores! Aquilo que vós desprezais é **justamente o cerne da nossa prática** e que incentivamos a realizar das mil e uma maneiras criativas que os trabalhadores, **organizados autonomamente**, fora de todas as tutelas, podem fazer melhor que ninguém.

A emancipação dos trabalhadores será obra deles próprios!

SE QUER LUTAR A SÉRIO POR MUDANÇA SOCIAL, COLABORE, PROPONHA, ADIRA AO COLECTIVO, AJUDE-NOS A CRIAR A ALTERNATIVA ANTI-AUTORITÁRIA E DE CLASSE !!!

«LUTA SOCIAL»



É tempo de avançarmos com propostas exequíveis, mobilizadoras e que rompam com o sindicalismo «concertativo». Parece-me - a cada dia que passa - mais necessário e urgente construir uma alternativa verdadeira, quer em termos organizativos, quer em relação a projectos concretos de trabalho.

Selecionei quatro domínios ou características contrastantes que definem um determinado estilo de sindicalismo. Poderia ter seleccionado outras, mas a experiência diz-me que estas acabam por ser definidoras das restantes.

Considero o sindicalismo uma prática qualitativamente diferente da luta político partidária: ora isto tem sido um conceito ausente na prática dos activistas sindicais portugueses, sobretudo dos dirigentes que, na verdade, acumulam “activismo” sindical com uma filiação e militância política. Estas pessoas, quer estejam em cargos de delegados sindicais ou de direcções sindicais, federais ou confederais, vêm demasiadas vezes o âmbito sindical como meio de ganhar mais trunfos na arena política e mesmo na política interna de seus partidos respectivos.

Este modelo, praticamente hegemónico no panorama sindical do nosso país, é responsável pelo estado de fraqueza a que se chegou nas lutas laborais, pelo isolamento e incapacidade de resposta concreta dos trabalhadores. Há um contraste entre a situação portuguesa e a do movimento sindical de outros países europeus onde existem, além dos sindicatos “convencionais” (aderentes à CES, Confederação Europeia Sindical), sindicatos autónomos, independentes, com uma organização de base e uma prática anti-capitalista e anti-autoritária.

A questão de colocar quanto aos partidos, na minha perspectiva, não é a de “permitir-se ou não” que alguém, membro de um partido político, seja membro do sindicato; ele/a, sendo membro de um partido, não deverá ser excluído/a, desde que se comprometa a defender os estatutos do sindicato e acate as suas resoluções. Porém, a pertença simultânea, em funções de direcção do sindicato e de uma estrutura política (seja ela partidária ou não) é fortemente questionável. Para a salvaguarda da independência do movimento sindical, não se deve tolerar que alguém se sirva de um cargo sindical para a estar na política.

Consulta a nossa página

<http://luta-social.blogspot.com/>

com as notícias de Janeiro:

ANTI-DAVOS:
MANIFS CREATIVAS!

O Ministério da
Educação - DREL dá
orientação ilegal e anti-
sindical

PROTESTOS ANTI-
DAVOS EM TODA A
SUÍÇA A 21 DE
JANEIRO 06

ESPAÑA:
CAMPANHA DE
REGULARIZAÇÃO DE
IMIGRANTES ENCHE
COFRES DA
SEGURANÇA SOCIAL

Carta à ministra da
educação do governo
português

Núcleo português da
FESAL-E Comunicado
Sindical N°3: Situação
da Esc. Secundária
D. João de Castro

I FORUM IBÉRICO,
organizado por FESAL -
PORTUGAL, com a
CNT, a CGT e
ECOLOGISTAS EN
ACCIÓN

Note-se que esta posição não é “apolítica”, mas antes por outra visão política, num sentido amplo, do papel dos sindicatos: não podemos senão denunciar e combater as correntes que vêem os sindicatos como meras “correias de transmissão” do partido. Os sindicatos são vistos como “capas” cómodas para partidos manobram as “massas”. Mas essas “massas”, afinal de contas, são pessoas, são indivíduos, que eles desprezam, no fundo.

A segunda questão que vos submeto à consideração é a do sindicalismo passivo ou activo. A pessoa inscrita no sindicato, deve ser activa e como?

A meu ver, deve ser activo/a no seu meio, deve naturalmente se implicar nas discussões e decisões. Mas, para que tal aconteça, as assembleias sindicais devem ser as verdadeiras instâncias de decisão, nas quais os membros do sindicato não são APENAS “consultados”, mas onde se constróem os consensos necessários para a acção. Não serve aqui a lógica da “maioria e da minoria”. Se o nosso lema é efectivamente “um por todos e todos por um”, então devemos sempre fazer os possíveis por encontrar um entendimento que permita a mais ampla unidade na acção possível. Para este tipo de sindicalismo assembleário ser operacional, é necessário que os intervenientes nas assembleias sejam capazes de autodisciplina; devem saber intervir de acordo com as regras das assembleias e no respeito pelas decisões colectivas tomadas previamente. Este tipo de sindicalismo é uma escola de DEMOCRACIA.

A terceira questão que eu queria colocar era a da noção de federalismo; como toda a gente sabe, é muito difícil ter uma ideia verdadeira daquilo que se passa numa dada terra, num dado sector de actividade, etc. se estamos longe, se não partilhámos o quotidiano desse lugar ou sector.

Logicamente então, aqueles que se vão implicar directamente numa actividade ou numa luta, é que devem decidir em primeira instância, se a vão realizar ou não e se sim, em que moldes. É, sem dúvida, uma questão de respeito pela dignidade das pessoas, directamente envolvidas nesse local ou sector de actividade, mas também uma questão de eficácia.

Elas, enquanto inseridas num núcleo de base, têm autonomia nas decisões que lhes digam respeito. Isto envolve uma responsabilidade correlativa; a de avaliarem que tais iniciativas estão de acordo com os princípios e orientações mais gerais do sindicato ou da federação. Por outro lado, cada núcleo, grupo e indivíduo deve comprometer-se activamente, em solidariedade com as iniciativas dos outros núcleos.

Finalmente, como quarta e última questão, gostamos todos de falar em solidariedade, porém há palavras que são esvaziadas de sentido por serem usadas a torto e a direito, sem uma noção clara e verdadeira do que se está a falar.

A solidariedade é entre ajuda, é ajuda mútua, é sermos capazes de fazer (FAZER!) algo pelos outros, não de dizer apenas (DIZER, PROCLAMAR!). Confunde-se muito preferir ou escrever palavras bonitas com solidariedade: quem precisa de solidariedade não precisa de palavras bonitas, precisa de coisas concretas; seja de dinheiro, apoio jurídico, acções colectivas como concentrações ou manifestações, por exemplo: coisas que fortaleçam NO CONCRETO, aqueles/aquelas com os/as quais estamos solidários/as e enfraqueçam, se possível, a outra parte (em geral, o patronato e/ou o Estado).

O sindicalismo para o século XXI, terá de ser muitas coisas mais, e coisas extremamente importantes que eu não referi aqui, mas só desempenhará o seu papel se for...

APARTIDÁRIO, de BASE / ASSEMBLEÁRIO, FEDERALISTA e SOLIDÁRIO.



I FORUM IBÉRICO NA GUARDA “SEM FRONTEIRAS SEM BANDEIRAS” DIAS 3, 4 E 5 DE MARÇO DE 2006

DIA 3

RECEPÇÃO DAS COMITIVAS DE PORTUGAL, DE ESPANHA E DE ITALIA
WORKSHOPS, DIA 4

15.30 HORAS : **ESCOLA/EDUCAÇÃO/CULTURA - SINDICALISMO E GLOBALIZAÇÃO
ECOLOGIA/DEFESA DO AMBIENTE**

CONCERTOS DIAS 4 / 5 22.30 HORAS: **NELSON POBLETE** - BARCELONA // **R.D.B.**
- GUARDA // **CIRROSE** - COVILHÃ// **ATAQUE KARDIACO** - COIMBRA// **DJ - JOÃO
LOURO** (GUARDA) // **DJ - DAVID** (SALAMANCA)

Organização: Núcleo Português da FESAL-E, com a colaboração do Coordenador Europeu da FESAL-E; participação de colectivos da CGT-E; da CNT-AIT ; de “Ecologistas en Acción”; da Associação Ambientalista “Quercus” e ainda o apoio de A-Infos (agência de notícias anarquista www.ainfos.ca), do jornal “A Batalha”, do Grupo de Teatro “Aquilo” (Guarda), da Câmara Municipal da Guarda e da Residencial “Aliança” (Guarda)